

De “Mono” a Benedicto: a presença de trabalhadores negros na Companhia Antartica Paulista, entre 1920 e 1930

Michele Silva Joaquim

Mestre em História Social pelo Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, SP, Brasil.

miguns220@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0009-7399-9349>

From “Mono” to Benedicto: the Presence of Black Workers at Companhia Antartica Paulista Between 1920 and 1930

Resumo: No presente artigo pesquisamos a presença de trabalhadores negros na indústria paulistana no pós-abolição através das análises de fichas de contratação da Companhia Antartica Paulista entre 1920 e 1930. Esta documentação nos abre possibilidades de inúmeras pesquisas, entre elas o início da escrita da biografia de um trabalhador negro. O relacionamento entre uma fotografia e uma ficha funcional foi capaz de transformar um “macaco” em um cidadão.

Palavras-chave: Biografia; Negro; Benedicto.

Abstract: This article is part of the research carried out about the presence of black workers in the industry of São Paulo in the post-abolition period through the analysis of hiring forms of Companhia Antartica Paulista between 1920 and 1930. This documentation opens up possibilities for numerous researches, including the beginning of writing a biography of a black worker. The relationship between a photograph and a functional file was able to transform a “monkey” into a citizen.

Keywords: Biography; Black peoples; Benedicto.

O presente artigo faz parte da pesquisa realizada na dissertação *Onde estão os negros? Trabalhadores da Companhia Antarctica Paulista entre 1920 e 1930*. Pesquisamos a presença de trabalhadores negros na indústria paulistana no pós-abolição através das análises de fichas de contratação da Companhia Antarctica Paulista (CAP) entre 1920 e 1930.

Essas fichas de contratação, como qualquer outro documento administrativo, não nasceram com a alcunha de documento histórico, a transformação do “arquivístico” é ponto de partida e a condição de uma história nova¹. O decreto presidencial de 07 de abril de 2006² declarou de interesse público e social o acervo documental da Companhia Antarctica Paulista produzido entre 1891 e 1999 que estava sob custódia da Fundação Zerrenner³.

Os documentos nos impuseram três limitações. A primeira é temporal, pois temos fragmentos, não existe a ficha do funcionário número 01 até os dias atuais, as fichas estão concentradas na década de 1920. Arquivisticamente falando, temos a chamada massa documental acumulada, não foram utilizados critérios usando o plano de classificação e tabela de temporalidade, instrumentos de gestão documental, para a escolha do que seria preservado, estas fichas sobreviveram ao tempo e constituem um pequeno exemplo da documentação dos empregados da CAP.

A segunda limitação dada pela documentação é sobre a caracterização física desses trabalhadores. Estas fichas não possuem um campo raça/etnia/cor para a identificação, sendo assim, analisamos as fichas que possuem a fotografia 3x4 cm do funcionário, para que mediante análise visual de características físicas (cabelos, formato do nariz, cor da pele), pudéssemos identificar os negros e negras, foco de nossa pesquisa. Sem as imagens 3x4 cm cairíamos em generalizações mostrando apenas trabalhadores nacionais ou estrangeiros, já que existe o campo “Lugar de Nascimento”, mas não para etnia. As informações sobre raça nos registros de pessoal só passam a ser obrigatórias na década de 1930 como parte da criação do sistema de Previdência Social no Brasil. As imagens nos auxiliam na compreensão dos dados. George

¹Michel de Certeau. *A Escrita da história* (tradução de Maria de Lourdes Menezes; revisão técnica de Arno Vogel). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

²Brasil. *Decreto de 7 de abril de 2006*. Declara de interesse público e social o acervo documental privado da Companhia Antártica Paulista. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Dnn/Dnn10812.htm Acesso em 26 de maio de 2022.

³Fundação Zerrenner. Ver história dessa fundação em: <http://www.contadino.com.br/assets/zerrenner-2016.pdf> Acesso em 01 de novembro de 2023.

Andrews⁴ fala sobre a dificuldade de pesquisa, com poucos dados e sem informação de raça nas fontes analisadas, baseando-se no local de nascimento para distinguir os nacionais dos estrangeiros.

A terceira limitação é a espacial, concentramos a pesquisa na fábrica matriz do bairro Mooca em São Paulo. A escolha se deu pelo tamanho da série restrita a este espaço, pois tínhamos uma caixa-arquivo com 285 fichas de funcionários da primeira filial em Ribeirão Preto, uma caixa arquivo com 296 fichas de funcionários da filial de Santos, e três caixas-arquivo da matriz Mooca com mais de 2.000 fichas, organizadas em ordem alfabética dos nomes dos funcionários de A até Z.

Na presente série documental, dos 2.629 funcionários da matriz Mooca, apenas 50 eram negros. É um universo pequeno, mas a qualidade dos dados é o nosso foco, a história serial não trata apenas de quantidade. Com a pouca presença nesse *corpus* documental, podemos inferir que boa parte dos trabalhadores negros poderia estar fora da legislação trabalhista, desempenhando atividades informais ou por conta própria, o que também foi apontado por Aristeu Lopes⁵.

Mesmo diante de limitações, essa documentação nos abre possibilidades de inúmeras pesquisas, entre elas o início da escrita da biografia de um trabalhador negro. O relacionamento entre uma fotografia e uma ficha funcional foi capaz de transformar um “macaco” em um cidadão.

Metodologia

Por meio da análise documental e da metodologia da história serial, demonstraremos indícios da presença dos negros na Companhia Antarctica Paulista, suas funções, salários, moradia, escolaridade e relações sociais. Mesmo com todo aparato institucional para o embranquecimento da população, refletindo na mão de obra em São Paulo, verificamos as inserções dos negros na indústria cervejeira paulistana.

A pesquisa teve um enfoque quantitativo-analítico, verificando o contexto da atuação dos trabalhadores negros em uma indústria em São Paulo no começo do século XX, por meio dos estudos dos dados coletados.

⁴Georg Reid Andrews. *Negros e Brancos em São Paulo (1888–1988)* (tradução: Magda Lopes; revisão técnica e apresentação: Maria Lígia Coelho Prado). Bauru/ São Paulo: EDESC, 1988.

⁵Aristeu Elisandro Machado Lopes. “Os trabalhadores negros em 3x4: fotografia, história do trabalho e pós-abolição. Pelotas-RS, 1933-1944”. *Mundos do Trabalho*, 11 (2019), pp. 1-24.

Seguindo a metodologia da História Serial, fizemos uma análise social através da série constituída, sendo ela o recorte e a essência do objeto de pesquisa.

A História Serial refere-se ao uso de um determinado tipo de fontes (homogêneas, do mesmo tipo, referentes a um período coerente com o problema a ser examinado), e que permitam uma determinada forma de tratamento (a serialização de dados, a identificação de elementos ou ocorrências comuns que permitam a identificação de um padrão e, na contrapartida, uma atenção às diferenças, às vezes graduais, para se medir variações)⁶.

A série é homogênea, contendo os mesmos campos para preenchimento, e nos dá indícios da presença de homens negros em diversas funções na empresa. Importante frisar que a série pesquisada não foi construída por nós, ela já estava criada dentro dos parâmetros arquivísticos que reconstituem as séries documentais, buscando entender a produção de documentos e ações da empresa.

Os campos de preenchimento eram: "Nome", "Data de Admissão", "Data de nascimento", "Lugar de nascimento", "Filho de", "Estado civil", "Natureza do cargo ou serviço", "Ordenado mensal", "Diária", "Vencimentos ou Gratificações", "Porcentagens", "Residência", "Assinatura do empregado", "Observações", e no verso "Férias".

As imagens em 3x4 cm coladas nas fichas foram fundamentais para identificarmos os negros, pois as fichas não possuem campo de preenchimento para essa informação.

Um dos trabalhos que analisa a fotografia como documento histórico que muito nos ajudou é o de Aristeu Elisandro Machado Lopes⁷, este autor estuda os trabalhadores negros em Pelotas entre 1933 e 1944 através das fotografias 3x4 das fichas do acervo da Delegacia Regional do Rio Grande do Sul. Suas análises consideram as fotografias não apenas como suporte para a história dos trabalhadores negros em Pelotas, mas também como construção de memória, talvez sendo a fotografia da ficha a única desses trabalhadores.

Sendo assim, as fichas dos trabalhadores da Cia. Antarctica com suas fotografias 3x4 nos revelam não apenas a presença do negro na indústria cervejeira, mas as possibilidades de construção de memórias, de acessar

⁶José D'Assunção Barros. *História Serial e História Quantitativa*. Disponível em: <https://campodahistoria.blogspot.com/2011/01/historia-serial-e-historia-quantitativa.html> Acesso em 15 de novembro de 2023.

⁷Aristeu Elisandro Machado Lopes, *Os trabalhadores negros em 3x4, op. cit.*

o passado, as formas como se apresentavam, as dinâmicas de captura dessas imagens.

O semblante dos imigrantes europeus, que transmite sentimento de orgulho e modéstia, coragem e receio, mas também disposição para uma vida de luta e trabalho, é apontado por Maria Auxiliadora Guzzo De Decca⁸. E os negros? Não estão presentes nos retratos? Teremos apenas suas fotos 3x4 de suas fichas de registro, sendo essa a única materialidade de suas existências no meio fabril? Se assim for, as fichas cadastrais ganham ainda mais relevância, por serem as únicas a mostrarem que os negros faziam parte do contingente de empregados.

Como informado, o campo cor/raça/etnia não está presente nos documentos, portanto sem as fotos não seria possível a afirmação da presença ou ausência de negros e negras na empresa entre 1920 e 1930. A identificação se deu pela fisionomia, analisando cor, cabelo, traços que identificam as pessoas negras. As fotografias contribuem para ampliação da visão sobre os mundos do trabalho segundo Maria Ciavatta⁹, aqui elas nos ajudaram a confirmar uma presença, que é pouco analisada na historiografia. Alguns estudos foram pautados pelas informações contidas nos censos de 1890 e 1940, únicos que continham informações sobre a cor/raça da população, a grande lacuna temporal trouxe impactos na escrita sobre a inserção dos negros no mercado de trabalho:

Como apenas os censos de 1890 e de 1940 contiveram informações sobre cor da pele da população, a maior parte dos estudos que pretende elucidar a questão da inserção dos negros no mercado de trabalho nas primeiras décadas do século XX extrapola conclusões a partir das informações do censo de 1890...Qualquer que seja o artifício metodológico, a verdade é que os anos significativos da formação do mercado capitalista no Brasil, decisivos para a absorção da população negra nas oportunidades oferecidas no mercado de trabalho, permanecem mal compreendidos¹⁰.

⁸Maria Auxiliadora Guzzo De Decca. *Indústria, trabalho e cotidiano: Brasil 1889 a 1930*. São Paulo: Atual, 1991.

⁹Maria Ciavatta. "O mundo do trabalho em imagens: memória, história e fotografia". *Psicologia: Organizações e Trabalho*, 12 (jan.-abr. 2012), pp. 33-46.

¹⁰Hildete Pereira de Melo e Teresa Cristina de Novaes Marques. "Iguais para o pão e para a pancada? Brancos e negros no mercado de trabalho carioca na Primeira República. O caso da Cervejaria Brahma". In: *IV Congresso Brasileiro de História Econômica e 5ª Conferência internacional de História de Empresas*. São Paulo (FEA-USP), 2001. Disponível em: http://www.abphe.org.br/arquivos/hildete-pereira-de-melo_teresa-cristina-de-novaes-marques_1.pdf Acesso em 10 de março de 2022.

As fotografias são uma maneira de conhecer o passado, mas não reúnem todo o conhecimento sobre ele, segundo Kossoy (2012). As fichas sem as imagens 3x4 cm não trazem a dimensão racial da composição dos funcionários da empresa, se tivéssemos apenas as imagens, também não teríamos informações completas sobre aqueles funcionários, ou seja, só é possível uma compreensão desses sujeitos presentes na CAP quando relacionamos as fotografias com os dados contidos na sua ficha de contratação.

Sobre essas imagens: "Tratam-se de registros de fragmentos do mundo visível caracterizados em geral pela inexistência de fatos dinâmicos que poderiam eventualmente ser flagrados em sua espontaneidade"¹¹. Não temos, por exemplo, registros fotográficos de trabalhadores negros passeando no Parque Antarctica ou em eventos da empresa na época analisada, teremos apenas na década de 1950. Aqui nós temos seus rostos como indícios de trabalhadores urbanos fabris da cidade de São Paulo.

Para além da presença, as fotografias demonstram como esses homens se deixaram fotografar, suas vestes, semblantes. Nesse fragmento, a maioria está de terno e gravata, mesmo sem o traje social completo, todos estão de camisas brancas. Não é um momento de lazer, é a imagem que ficou fixada em sua ficha de contratação, o seu registro profissional. As roupas não distinguem o cargo, do ajudante ao *chauffeur*, o código de vestimenta é o mesmo. O recorte 3x4 cm deixa visível apenas a parte superior do corpo, seus olhares sérios, fixos, olhando para frente em direção à lente do fotógrafo. O fundo neutro, sem nenhum elemento que possa distrair a atenção, o foco é o trabalhador, tratando-se de um formato para documentos oficiais que permanece.

Percebemos a mudança na representação da imagem do negro na fotografia, ou os retratos mostravam a condição de escravizado, ou buscavam uma afirmação social com as imagens feitas nos estúdios fotográficos. As cenas retratadas entre 1880 e a virada para o século XX não evidenciavam mais as marcas tribais, os pés descalços, estes marcadores da escravidão foram sendo substituídos por outros mais civilizados, construindo uma nova iconografia, de acordo com Cleber Soares da Silva¹². Militão de Azevedo será um dos fotógrafos em São Paulo no século XIX que retratará os negros como cidadãos em busca de afirmação social, seu acervo está no Instituto Moreira Salles, não sendo foco de nosso estudo, mas fica como referência para estudos sobre a

¹¹Boris Kossoy. *Fotografia & História*. 4a ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012, p. 117.

¹²Cleber Soares da Silva. *O olhar de Assis Horta: tradição e dignidade em retratos de operários*. Dissertação de mestrado em Artes, Cultura e Linguagens, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2017.

fotografia e os fotógrafos de negros no século XIX. Nossas fichas possuem a representação de negros trabalhadores urbano-industriais, com trajes sociais, longe do imaginário do operário maltrapilho. As fotografias para documentos oficiais ganharam visibilidade com a criação da carteira profissional em 1932, capazes de mostrar o rosto desse trabalhador.

As fotografias que tinham como função a identificação visual do funcionário ganham outra dimensão ao serem as únicas que comprovam uma existência. Esta documentação, que faz parte da história da empresa, faz parte também da história dos trabalhadores ao nos revelar os rostos de quem também compunha o proletariado urbano e fabril na cidade de São Paulo entre 1920 e 1930.

São Paulo no pós-abolição

Com a urbanização São Paulo transformou-se em um grande e dinâmico centro mercantil, ocorrendo diversas transformações sociais em um curto espaço de tempo, num quadro onde interagiam a desintegração da Abolição, a grande imigração e o êxodo rural. Esse processo de transformações na cidade é caracterizado por inclusões e exclusões. Enquanto os imigrantes, vistos como sinônimos de progresso e civilização são incluídos, os negros passam a ser marginalizados, criando-se uma hierarquia no mercado de trabalho, de acordo com Maria Izilda Santos de Matos¹³. No entanto existem interações e absorção dessa mão de obra, como demonstrado nos estudos das empresas *Light* São Paulo e Jafet realizados por George Andrews e na presente pesquisa.

Esse era o esperado: apenas a marginalização, sem a benevolência dos brancos, os negros não conseguiriam inserir-se no mundo capitalista em desenvolvimento, esquecendo de mencionar as teorias racialistas que foram absorvidas pela política a partir de 1870, como mencionado.

O ideário de uma tutela é apontado por Florestan Fernandes¹⁴. Segundo o autor as deformações causadas pela escravidão limitavam a capacidade dos negros de ajustamento à vida urbana. Como não se manifestou qualquer impulso coletivo dos brancos em discernir a necessidade, legitimidade, urgência de reparações sociais para proteger os negros nessa fase de transição, pressupunha-se uma existência ambígua e marginal. Para o autor faltava coragem aos negros para enfrentarem posições degradantes, como os italianos, que engraxavam

¹³Maria Izilda Santos de Matos. *Cotidiano e Cultura: história, cidade e trabalho*. São Paulo: EDUSC, 2002.

¹⁴Florestan Fernandes. *A integração do negro na sociedade de classe*. 3a ed., São Paulo: Ática, 1978.

sapatos, vendiam peixes, jornais, etc. Os ex-escravizados não sentiriam o ferrete da ânsia de poder voltado para a acumulação de riqueza. Para o autor faltava ao liberto a autodisciplina e o espírito de responsabilidade do trabalhador livre, adquirindo uma reputação desabonadora que o excluía do mercado urbano de trabalho. Vimos que esta posição não se sustenta por completo, afinal há evidências de negros atuando na indústria, tanto nos estudos de Andrews citado anteriormente, como no que estamos realizando.

As teses de Florestan Fernandes foram contestadas, e vale ressaltar que o autor aponta apenas os problemas da escravidão para a população negra, omitindo o impacto desta na sua própria classe.

Florestan Fernandes frequentemente citado como intelectual branco respeitado pelo movimento negro, por suas posições de combate às desigualdades raciais, só conseguiu ver as deformações que a escravidão provocou na personalidade de negros.... ou seja, aqui há uma isenção dos brancos à deformação da personalidade por conta da escravidão. Se Florestan Fernandes, tão consciente do racismo no Brasil, não conseguiu enxergar o impacto da escravidão no seu próprio grupo branco, era preciso compreender a cegueira conveniente e o silêncio cúmplice da branquitude¹⁵.

Apontar os problemas advindos da escravidão e culpabilizar apenas os negros e negras por suas condições é uma posição altamente criticável. Cida Bento expõe muito bem essa questão, demonstrando que Florestan Fernandes deixou de lado uma parte da discussão, que é o elemento branco nessa engrenagem social do pós-abolição, o que ela chama de "pacto da branquitude". Enquanto estudioso branco, o autor não culpabilizou os seus pelas agruras sofridas pelos negros e essa posição precisa ser revista. Afinal fica esquecido que as leis que antecederam a abolição não incluíram os negros para que tivessem acesso igualitário ao mundo capitalista em desenvolvimento e as leis posteriores que passaram a perseguir os negros com suas maneiras de viver na cidade.

Através da análise de boletins de ocorrência médica, produzidos pelo Gabinete de Assistência Policial de São Paulo entre 1911 e 1916, Fábio Dantas Rocha¹⁶ fez um quadro de profissões relacionando raça e gênero:

¹⁵Cida Bento. *O pacto da branquitude*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022, pp. 62-63.

¹⁶Fábio Dantas Rocha. *Saindo das sombras: classe e raça na São Paulo pós-abolição (1887-1930)*. Dissertação de mestrado em História, Universidade Federal de São Paulo, 2018.

são empregadas domésticas, trabalhadores informais, carroceiros, serventes de pedreiro. O autor ressalta a instabilidade dessas atividades, o que causaria problemas a essas pessoas, por estarem dia e noite nas ruas em busca de trabalho, pois existia na cidade desde a abolição um projeto contra a ociosidade, com a finalidade de controlar os recém-libertos. A vadiagem era vista como um delito, era necessário impelir as pessoas ao trabalho, o discurso vigente era o do progresso e para isso era necessário a disciplinarização da população.

O código penal de 1890 deixa explícito que ser vadio era crime, além de colocar no mesmo rol de criminalidade os capoeiristas (capoeiras). Assim vemos que a perseguição ao negro na cidade era pautada pela lei.

CAPÍTULO XIII, DOS VADIOS E CAPOEIRAS

Art. 399. Deixar de exercitar profissão, officio, ou qualquer mister em que ganhe a vida, não possuindo meios de subsistencia e domicilio certo em que habite; prover a subsistencia por meio de ocupação prohibida por lei, ou manifestamente offensiva da moral e dos bons costumes: Pena - de prisão cellular por quinze a trinta dias.

§ 1º Pela mesma sentença que condemnar o infractor como vadio, ou vagabundo, será elle obrigado a assignar termo de tomar occupação dentro de 15 dias, contados do cumprimento da pena.

§ 2º Os maiores de 14 annos serão recolhidos a estabelecimentos disciplinares industriaes, onde poderão ser conservados até á idade de 21 annos.

Art. 400. Si o termo for quebrado, o que importará reincidencia, o infractor será recolhido, por um a tres annos, a colonias penaes que se fundarem em ilhas maritimas, ou nas fronteiras do territorio nacional, podendo para esse fim ser aproveitados os presidios militares existentes.

Parapho único. Si o infractor for estrangeiro será deportado¹⁷.

Se fosse preso por vadiagem pela primeira vez ficaria detido entre 15 e 30 dias, já a reincidência acarretaria até três anos de reclusão. A

¹⁷Brasil. Decreto n. 847, de 11 de outubro de 1890. Promulga o Código Penal. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-847-11-outubro-1890-503086-publicacaooriginal-1-pe.html> Acesso em 14 de abril de 2022.

maioria dos negros e negras na cidade trabalhava informalmente, dificultando a comprovação de uma ocupação que demonstrasse que não era vadio. Diante das circunstâncias, os negros eram o maior alvo de acusação desse delito.

Dias após a lei que abolia a escravidão no país, o ministro Ferreira Vianna elabora um projeto de repressão à ociosidade – os recém-libertos eram pensados como indivíduos despreparados para a vida em sociedade, a liberdade daria a possibilidade da ociosidade, do roubo, do furto, de acordo com Chalhoub¹⁸.

Segundo a mentalidade da época, para reprimir esses “vícios advindos da escravidão” era necessário educar para o trabalho através da obrigatoriedade, inculcando a ideia de que o trabalho era o valor supremo da vida em sociedade e o ócio seria o desencadeador da desordem. A ociosidade era vista como uma ameaça à ordem burguesa em desenvolvimento e deveria ser combatida. Como analisado por Chalhoub, esta mensagem era para o trabalhador nacional, já que havia a ideia consolidada de que o imigrante era um trabalhador nato, que servia como exemplo para os nacionais.

A liberdade pode ter representado para os escravos, em primeiro lugar, a esperança de autonomia de movimento e de maior segurança na constituição das relações afetivas. Não a liberdade de ir e vir de acordo com a oferta de empregos e o valor dos salários, porém a possibilidade de escolher a quem servir ou de escolher não servir a ninguém... Mas é claro que proprietários e governantes tinham projetos diferentes de futuro, e entenderam as atitudes dos negros como evidência de que eles eram vadios por natureza, sendo que essa ânsia de autonomia não passava de rejeição ao trabalho¹⁹.

Havia uma perseguição constante aos negros. Governantes e proprietários acreditavam que a população negra não poderia ter concepções distintas de liberdade e escolher seus destinos, precisavam aceitar a ideia de emprego e salário que lhes era imposta. Rejeitar esse modelo, buscar novas alternativas de sobrevivência era visto como repulsa ao trabalho. Ainda assim os negros poderiam escolher seus caminhos, tinham suas próprias visões de liberdade, suas aspirações. Muitos dos empregados da CAP migraram para a cidade de São Paulo, ou

¹⁸Sidney Chalhoub. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

¹⁹ Sidney Chalhoub. *Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na corte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 80.

seja, buscaram outras oportunidades, puderam escolher outro local para viverem e outro empregador para suprir as suas necessidades.

Diante da constante vigilância e repressão, a viabilidade de um trabalho estável dentro de uma indústria em expansão como a Cia. Antarctica poderia trazer segurança ocupacional para os negros, garantia de um salário e a possibilidade de sobrevivência na cidade.

Ter um trabalho significava para muitos a maior alegria de suas vidas, conforme atesta Teresinha Bernardo²⁰, cujos interlocutores entrevistados falam do trabalho e do prazer em possuí-lo. Segundo ela, as memórias de homens negros que viviam na cidade de São Paulo atestam também que a falta dele era considerada como uma grande perda e, por vezes, passaram boa parte de suas vidas buscando atividades que os fariam viver com dignidade.

Atividades informais como carroceiros, coletores de lixo, lavadores de casa, rachadores de lenha, limpadores de trilhos, empregados domésticos, criadas, copeiros, etc., são trabalho e nesta pesquisa não há juízo de valor. Porém, essas funções trazem consigo o estigma pejorativo de ser “trabalho de negro”, aquele que ninguém quer se sujeitar a fazer: o trabalho pesado, sem reconhecimento, que é feito apenas por necessidade de subsistência, por não ter outra opção, não traz a dignidade como foi buscada durante toda a vida pelos entrevistados por Teresinha Bernardo, já citada.

Uma função em uma empresa em crescimento como a Cia. Antarctica poderia ser um sinônimo dessa busca pela tranquilidade, segurança, um salário no fim do mês, não ser enquadrado como vadio e não carregar o eterno peso de ter um “trabalho de negro” na forma mais pejorativa que o termo tinha há mais de 100 anos.

Futebol de fábrica

As fábricas foram locais importantes para a disseminação do futebol no Brasil, sendo possível a inserção dos negros na prática esportiva, além de dar possibilidade de ascensão econômica para essa classe, segundo Fernando da Costa Ferreira²¹. Ao lado da várzea, os clubes mantidos principalmente pelos industriais, foram responsáveis pela democratização

²⁰Teresinha Bernardo. *Memória em branco e negro: olhares sobre São Paulo*. São Paulo: EDUC/ Editora UNESP, 2007.

²¹Fernando da Costa Ferreira. “Futebol de classe: a importância dos times de fábrica nos primeiros anos do século XX”, *Lecturas: Educación Física y Deportes*, 90 (nov. 2005).

do futebol no país; como exemplo, temos o time de fábrica de Bangu no Rio de Janeiro, criado em 1904.

Tal como acontecera com os clubes de várzea, que rapidamente se espalharam por São Paulo, também os clubes de fábrica se tornaram comuns. Seu número não parava de crescer. Organizando-se e criando associações desportivas entre colegas, no local de trabalho, os trabalhadores tiveram acesso ao futebol. Formou-se uma tradição operária de futebol amador praticado em clubes de fábrica, em geral, criados por iniciativa dos próprios trabalhadores, muito embora as empresas desempenhassem papel fundamental na manutenção dessa atividade, através de colaboração material e financeira²².

Com o crescimento da industrialização, haverá um crescimento na quantidade de times operários, alguns clubes ligados a empresas por volta dos anos 1920 em São Paulo como: Fábrica Sant'Ana, Gasômetro F.C., Associação Esportiva Casa Pratt, Maria Zélia F.C., Aniagem Paulista, Bloco Paraíba F.C., além dos grêmios das companhias inglesas como a *São Paulo Railway, Gas Company e Light & Power. C.*, são apontados por Decca, mencionada anteriormente. O Antarctica Futebol Clube foi criado em 1914 e se fundiu em 1933 ao Sport Club Internacional, dando origem ao Clube Atlético Paulista em 1934. A autora não cita esse time, mesmo sendo o clube da maior empresa cervejeira de São Paulo com atuação por quase 20 anos, tendo disputado quatro edições do campeonato Paulista da 1ª Divisão, entre 1926 e 1929.

O Antarctica iniciou nas competições futebolísticas no Campeonato Paulista da 2ª Divisão em 1916, ficando com o vice-campeonato. Jogou no Campeonato Paulista da 3ª Divisão em 1917 e 1918. Retornaram ao Campeonato Paulista da 2ª Divisão, disputando as edições de 1919, 1920, 1921, 1922, 1923, 1924 e 1925; foram campeões da 2ª divisão em 1930, segundo informações do site História do Futebol²³.

Diferente do time *The Bangu Athletic Club* da fábrica Companhia Progresso Industrial, o time da Antarctica não ficou mais conhecido que a própria fábrica, novas pesquisas no acervo custodiado pela Fundação Zerenner podem completar as informações da história desse time.

A direção da fábrica passava a subsidiar as atividades do clube; por exemplo, cedendo um terreno de propriedade da empresa para a

²²Fatima Martin Rodrigues Ferreira Antunes. *Futebol de fábrica em São Paulo*. Dissertação de mestrado em Sociologia, Universidade de São Paulo, 1992, p. 33.

²³*História do Futebol*. Disponível em: <https://historiadofutebol.com/blog/?p=83192>. Acesso em 27 de dezembro de 2022.

construção do campo de futebol e da sede social ou contribuindo para o pagamento de aluguéis²⁴. Esse pensamento vem ao encontro das resoluções da empresa que além do próprio clube criará em 1920 o Estádio Antônio Alonso, conhecido como Antartica Paulista, na Rua da Mooca, n. 328. Esta localização é escolhida porque a fábrica passa a operar totalmente no bairro da Mooca em 1920, além de terem vendido o Parque Antartica para o então Palestra Italia (sem acento como escrito na época). Atualmente existe um condomínio residencial no local, tornando o apagamento dos espaços de memória do futebol de fábrica, do futebol amador na cidade de São Paulo, um tema para pesquisas futuras.

O time da fábrica passa a ser outro espaço de difusão dos produtos Antartica, “os donos das fábricas logo perceberam que o sucesso das equipes que levavam o nome das empresas, servia como um excelente veículo de divulgação e popularização do nome das fábricas e de seus produtos.”²⁵. O próprio time servia para a ampliação do nome e da venda dos produtos Antartica, o time se torna um cartão de visitas da empresa. Pensar nessa possibilidade do time como vitrine dos produtos da empresa implica também em pensar que era necessário ter bons jogadores para que a empresa alcançasse esse objetivo.

A ideia de fazer parte do time da fábrica apenas por lazer é rebatida por Waldenyr Caldas²⁶. Segundo o autor, se assim fosse, todos os funcionários fariam parte do time Bangu, seu estudo de caso. O que não é real, até o critério de contratação mudou, preferindo não apenas bons profissionais, mas também trabalhadores que jogassem bem futebol, esse é contexto de atuação do funcionário e jogador do Antartica Futebol Clube que a seguir será analisado.

De Mono a Benedicto

Em uma das imagens do Antartica Futebol Clube tirada em 27/10/1929, a legenda atrás da foto continha os nomes e as posições dos jogadores: “contando da esquerda para direita: Maxa xa bomba, Zico, Damião, Mono, Yoyô (Paulo) e, no centro agachado, Delfim”.

²⁴ Fatima Martin Rodrigues Ferreira Antunes, *Futebol de fábrica em São Paulo, op. cit.*, p. 35.

²⁵ Fernando da Costa Ferreira, *Futebol de classe, op. cit.*

²⁶ Waldenyr Caldas. *O Pontapé Inicial: memória do futebol brasileiro (1894-1933)*. São Paulo: IBRASA, 1990.



Figura 1 - Jogadores do Antarctica Futebol Clube
Fonte: Acervo Histórico Fundação Zerrenner.

O quarto da esquerda para direita é “Mono”, o homem negro. Ao ver o nome “Mono” indicando o único negro da fotografia, fui tomada pelo sentimento de tristeza, minhas experiências de vida me fizeram lembrar que “mono” em espanhol é macaco. Não foi escrito isso na catalogação dessa imagem, foi apontado que havia um homem negro, mas esse “apelido” ficou ressoando. As sutilezas do trabalho do profissional de arquivo, e as bagagens pessoais do catalogador influenciam na maneira que o funcionário faz as descrições; essa é uma atividade que conta com a subjetividade, nós tomamos decisões conscientes sobre o que incluir nas descrições, o que enfatizar ou ignorar, de acordo com Yeo²⁷.

Até a atualidade é constante em jogos de futebol os negros serem chamados de macacos, episódios em que torcedores jogaram banana no campo, a lista é longa. O fato é, em uma fábrica cheia de estrangeiros entre 1920 e 1930, muitos deles espanhóis, será que o então jogador apelidado “Mono”, sabia o seu significado?

Talvez o jogador soubesse o significado da palavra espanhola mono, de acordo com Antonio Sérgio Alfredo Guimarães²⁸, há um ordenamento de como grupos dominantes estigmatizam os dominados entre eles: tratar

²⁷ Geoffrey Yeo. “Debates em torno da descrição”, in: Terry Eastwood e Heather MacNeil (ed.), *Correntes Atuais do Pensamento Arquivístico* (tradução Anderson Bastos Martins; revisão técnica Heloísa Liberalli). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016, pp. 136-169.

²⁸ Antonio Sérgio Alfredo Guimarães. *Classes, Raças e Democracias*. São Paulo: Fundação de Apoio a Universidade de São Paulo/ Ed. 34, 2002.

os dominados como animais, quase-animais, ou não inteiramente pertencentes à ordem social.

O racismo na sociedade é evidente: chamar alguém de macaco é tirar sua condição humana. Segundo Guimarães o macaco, além de selvagem, é considerado pelo zoológico como o animal mais próximo dos humanos, devendo ser objeto de distanciamento, e esse é o insulto de maior recorrência proferido aos negros e negras.

Se é fato que o jogador negro alça um lugar de status frente aos demais, há uma falsa humanidade aí colocada, tanto no sentido dos atributos corporais, quanto na responsabilidade em ganhar a partida. Na falha, essa humanidade é retirada e retorna "o primitivo". Chamar de macaco representa, de forma dolorosa, mas elucidativa, o retorno ao não humano. Além do mais, o lugar da racionalidade negada é reforçado pelos demais postos de atividade do futebol (inter)ditados aos homens negros que constroem a partida²⁹.

O início do futebol brasileiro é marcado pela discriminação racial. O time Associação Atlética Ponte Preta fundado em 11 de agosto de 1900 na cidade de Campinas será um dos primeiros a ter jogadores negros, entre eles Miguel do Carmo, considerado o primeiro jogador negro do país. Ferroviário, sua carteira de registro com foto foi a responsável pela sua identificação racial, já que com as listas de escalões não era possível saber quem era negro ou não. A Ponte Preta, como é conhecido popularmente, é chamada de "Macaca", um apelido pejorativo que acabou caindo no gosto dos torcedores, tornando-se mascote do time, de acordo com o site da Ponte, "a Macaca foi pioneira em ter cidadãos afrodescendentes em seus quadros, sem nenhum tipo de preconceito, desde a fundação do time em 11 de agosto de 1900"³⁰. O que era uma ofensa foi transformada em símbolo de luta pelo time mais antigo do Estado de São Paulo.

Criada em 1926 a Liga de Amadores de Futebol (L.A.F.) começou a organizar um campeonato anual Preto x Branco a partir de 1927, no dia da abolição da escravidão. Selecionado no grupo dos pretos o funcionário "Mono" participou do primeiro campeonato em 1927.

²⁹Roberta Pereira da Silva, Bárbara Gonçalves Mendes e Marina de Mattos Dantas.

"Racismo: a quem interessa pensar que foi diferente no futebol?" *Ludopédio*, 137 (2020).

³⁰Disponível em: <https://pontepreta.com.br/20191120cn/> Acesso em 12 de novembro de 2022.

O trophéo que se disputa hoje pela primeira vez e que só ficará de posse definitiva dos vencedores em três anos consecutivos ou 4 alternados, foi oferecido pelo Sr. Dr. Dino Bueno, presidente do Estado, que denomina "Princesa Izabel". São estes os selecionados que hoje vão enfrentar-se para a primeira partida em disputa deste premio. Selecionado branco. Nestor - Clodoaldo - Bastho - Raphael - Vanni - Gelindo - Apparicio - Néco - Friedenreich - Romeu Guimarães. Selecionado Preto: Dica (P. P.), Francisquinho - Ferreira (independência) - Cunhal (R. Claro), Mono (Antarctica) - Rogério (Santista) - Bisoca (Syrio) - Nabor (PP) - Camargo (Jundiahy) Gradin e Carrapicho (PP)³¹.

Na lista dos pretos selecionados temos a informação de qual time ou localidade o selecionado era, sendo possível perceber a presença de jogadores da Ponte Preta (PP), como já mencionado, um dos primeiros times a ter negros na equipe.

No campeonato de 1928, os brancos selecionados treinariam com o time da Associação Atlética das Palmeiras criado em 1902, time elitista que possuía campo inicialmente na atual Avenida Angélica em São Paulo; os negros treinariam com o time formado pelos funcionários da Cia. Antarctica, que possuía negros titulares do time. Como podemos ver no trecho do jornal, "o selecionado dos jogadores de cor deverá treinar com o quadro principal do Antarctica Futebol Clube", no qual "Mono" aparece escalado. O time dos pretos foi campeão em 1928, ganhando por 4x2.

³¹Bruno Otávio de Lacerda Abrahão e Antonio Jorge Gonçalves Soares. "O futebol na construção da identidade nacional: uma análise sobre os jogos 'pretos x brancos'", *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 26 (jan./mar. 2012), p. 49.

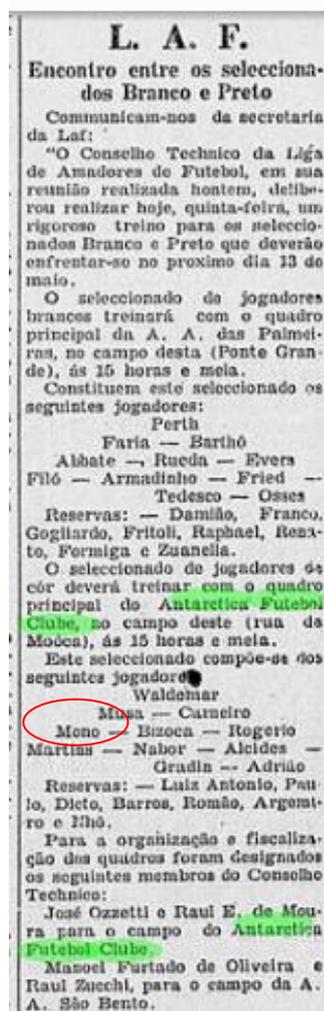


Figura 2 – Trecho do Jornal Diário Nacional, 10 maio de 1928 (grifos nossos).
Fonte: Jornal Diário Nacional, edição 257, 10 maio de 1928, p. 6³².

No trecho do jornal acima vemos a escalação no dia 10 de maio, preparativos para o jogo que seria em 13 de maio de 1928. Abrahão e Soares³³ fizeram uma análise desse campeonato que ocorreu entre 1927 e 1939, entendendo que a função era de prevenção ao esquecimento da escravidão e reforçando a ideia de um país modelo para as questões étnico-raciais do período.

Entre as empresas da Mooca vemos a realização de jogos, pois além do Antarctica Futebol Clube outras fábricas também possuíam times como a Regoli e Cia. Ltda., tecelagem comprada pelo Cotonifício Crespi em

³² *Jornal Diário Nacional*, edição completa disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=213829&pesq=%22antarctica%20futebol%20clube%22&pasta=ano%201928&hf=memoria.bn.br&pagfis=2257> Acesso em 22 de novembro de 2022.

³³ Bruno Otávio de Lacerda Abrahão e Antonio Jorge Gonçalves Soares. "O futebol na construção da identidade nacional", *op. cit.*

1909, tendo o nome do time alterado para Crespi F. C, da fusão de dois times da própria fábrica, nasce em 1930 o Clube Atlético Juventus.

“Mono” sempre está escalado, fazia parte do quadro principal, aparece cotado para jogar um amistoso com o time C. R. Crespi F.C., além dele temos outro que provavelmente era negro, apelidado de Chocolate.



Figura 3 – Trecho do Jornal Correio Paulistano, Edição 23759 (grifos nossos).
Fonte: Jornal Correio Paulistano, edição 23759, 11 janeiro de 1930, p. 9³⁴.

Realizando o trabalho de pesquisa com as fichas de contratação encontramos a de Benedicto de Souza, anotada com caneta azul no campo Observações: “Antigo militante do Antartica F. C, mais conhecido por Mono. 25/11/59.”, podemos ver na imagem a seguir:

³⁴ *Correio Paulistano*, edição completa disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_08&pagfis=151 Acesso em 02 de junho de 2022.

Cia. Antarctica Paulista



Nome Benedicto de Souza

Data da admissão 19 de Agosto de 1925

Nascido a 11 de Março de 1902

Logar do nascimento São Paulo

Filho de Marco Miranda de Souza

e de Hortencia Miranda de Souza

Estado civil Solteiro

Natureza do cargo ou serviço Ajudante

Ordenado ~~mensal~~ por dia 6\$900

Diária

Vencimentos ou gratificações

Porcentagens

Residência Rua Bento Pires, 16

Assinatura do empregado *Benedicto de Souza*

Observações *Antigo militante do*
Antarctica F.C., uauu creche
por mono.

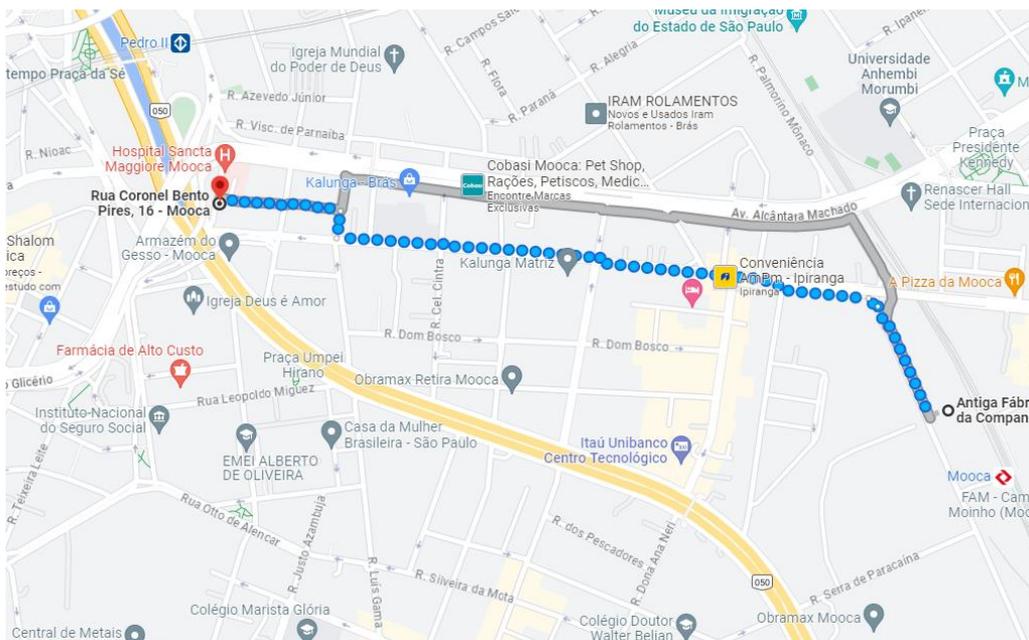
Re 25/11/59

Figura 4 - Ficha de Benedicto de Souza, antigo militante do Antarctica F.C (grifos nossos).

Fonte: Acervo Histórico Fundação Zerrenner.

“Mono” tem nome, tem família e tem história, é Benedicto de Souza, nascido em São Paulo em 11 de março de 1902, filho de Marco Miranda de Souza e Hortencia Miranda de Souza. Contratado em 19 de agosto de 1925 como Ajudante com ordenado de 6\$900 réis por dia, morador da Rua Bento Pires, 16. Seus pais eram casados como vemos por seus sobrenomes, ele era solteiro, alfabetizado, pôde assinar sua ficha.

Analisando o campo “Residência” e utilizando o *Google Maps*, conseguimos relacionar a distância percorrida por Benedicto até a fábrica, além de trazer novas possibilidades de pesquisa sobre a composição étnica do bairro da Mooca. A fábrica estava na atual Av. Presidente Wilson, n. 282, como vemos pelo mapa a seguir seriam cerca de 24 minutos caminhando.



Mapa 1 – Distância entre a Rua Cel. Bento Pires, nº 16 e a Av. Presidente Wilson, nº 282 (Antiga Fábrica da Companhia Antarctica).

Fonte: Pesquisa Google Maps.

Benedicto, nome de origem latina que significa “Abençoado”, podemos aferir que foi feliz nascendo sem a marca da escravidão, no período republicano. Nascer de fato livre poderia significar uma benção: não ter que esperar pela benevolência do seu dono ou o dono de seus pais para conseguir a liberdade, ter a possibilidade de traçar seu próprio caminho. Outra possibilidade do nome Benedicto está ligada à religiosidade, associado à influência católica na vida dessas pessoas, mas também ao sincretismo religioso, pois na Umbanda temos o “pai Benedito”. São Benedito é um dos poucos negros canonizados pela igreja católica, tornando-se protetor dos escravizados no Brasil.

Nos chama atenção na anotação em azul a palavra “militante”, que no dicionário atual pode significar aquele que defende uma causa ou ideia ativamente. Quais os significados de pertencimento ao time de futebol da empresa para Benedicto de Souza?

Para além de uma atividade lúdica, o futebol assumia significados cívicos, sociais e políticos. É tanto que chegou a ser chamado de o “esporte da raça” (O Clarim d’Alvorada, 20/07/1931, p. 3), na medida em que valorizava e positivava a presença do negro na sociedade brasileira³⁵.

³⁵ Petrônio Domingues. “O ‘campeão do Centenário’: raça e nação no futebol paulista”. *História Unisinos*, 19 (set.-dez. 2015), p. 1.

Não é casualidade Benedicto ter sido chamado de militante. O esporte ultrapassa o lúdico e torna-se um ato político e de inserção social.

Benedicto foi contratado em 19 de agosto de 1925, seu nome aparece escalado no time um mês após sua contratação, como podemos ver no jornal "A Gazeta" de 19 de setembro de 1925. O jovem de 23 anos logo chamou a atenção, e como vimos anteriormente, ficou como titular do time, indo ao encontro do que foi pensado por Caldas, já mencionado: ter não apenas um bom funcionário, mas também um bom jogador.

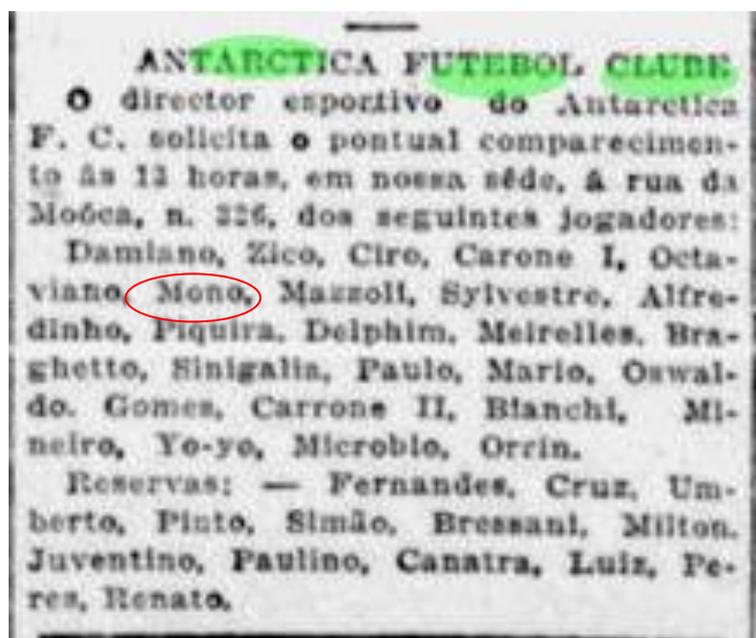


Figura 5 -Trecho do Jornal A Gazeta, Edição 05886 (grifos nossos).
Fonte: Jornal A Gazeta, edição 05886, 19 de setembro de 1925, p. 5³⁶.

Com ganho diário de 6\$900 (réis), ser parte do time da fábrica poderia ser uma possibilidade de ascensão e mobilidade para Benedicto.

Aos operários-jogadores era oferecida uma remuneração especial sob a forma de pequenos presentes e serviços, gratificações e até um segundo salário; trabalhadores viam-se estimulados a aumentar suas rendas com os "bichos" pagos após os jogos. Os jogadores-operários poderiam dedicar algumas horas após o expediente para treinos e os finais de semana para os jogos, mantendo a ocupação principal como

³⁶ A *Gazeta*, edição completa disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=763900&Pesq=%22antarctica%20futebol%20clube%22&pagfis=21559> Acesso em 22 de novembro de 2022.

funcionário da fábrica, consoante Fátima Antunes. Importante observar a escala de Benedicto em 19 de setembro de 1925, era um sábado.

Como ajudante, com baixo salário, fazer parte do time tornava possível a Benedicto aumentar sua renda. Pelo que percebemos ele continuou na empresa (a observação a caneta foi escrita em 1959), não sendo contratado para o futebol profissional, mantendo o emprego na CAP e a permanência assídua no time. Sem dúvida sua participação não passou despercebida, caso contrário, essa informação não teria sido escrita, é uma das únicas fichas com o campo "Observação" preenchido.

A ficha de contratação de Benedicto nos trouxe informações para sabermos quem foi aquele jogador negro do Antartica F.C. Carlos Molinari Rodrigues Severino, tenta recriar a trajetória do jogador-operário Roldão Maia, funcionário da fábrica Bangu no Rio de Janeiro, através de notícias de jornais e livros de atas do clube, já que os cartões de contratação não existem mais:

Infelizmente, no caso da Fábrica Bangu, os chamados "cartões históricos", ou seja, as fichas de registros dos operários não estão mais disponíveis. Ali poderíamos ter acesso a dados completos sobre a trajetória profissional de jogadores-operários, como Roldão Maia. Além de sexo, idade, estado civil, instrução e nacionalidade, essas fichas mostravam as datas de entrada e saída, os cargos, os salários, a moradia, os acidentes, os motivos de punição e de desligamento, além de informar se o funcionário era ou não militante operário. No entanto, tentaremos reconstituir a trajetória desportiva e profissional de Roldão com outras fontes disponíveis: notícias de jornais e livros de atas do clube³⁷.

As fichas de contratação das fábricas são fonte rica para diversas pesquisas, auxiliariam a recompor a trajetória profissional de um operário-jogador; nos ajudou a saber quem foi "Mono", temos indícios de sua moradia, do seu trabalho, da sua família e do seu local de lazer, sendo possível tirar do anonimato e trazer dignidade para o então "macaco". Através de sua ficha funcional, ele se torna cidadão e trabalhador da maior empresa cervejeira do estado de São Paulo.

³⁷ Carlos Molinari Rodrigues Severino. *Mestres estrangeiros; operariado nacional: resistências e derrotas no cotidiano da maior fábrica têxtil do rio de janeiro (1890 - 1920)*. Dissertação de mestrado em História, Universidade de Brasília, 2015, p.79.

Esse tipo de documentação está pelos diversos acervos empresariais e deve ser analisada, assim poderemos contribuir para a historiografia sobre a composição do operariado urbano-industrial na cidade de São Paulo no pós-abolição, além de resgatarmos histórias sobre os negros e negras deste país, contribuindo para a escrita da biografia daqueles que estão escondidos, subalternizados na história.

O cruzamento de fontes é fundamental para a compreensão da população negra na cidade de São Paulo, além do olhar atento do profissional arquivista, capaz de observar e ligar a documentação fotográfica com a trabalhista, sendo possível ampliar a discussão sobre o futebol operário e a inserção do negro no time de fábrica, novamente demonstrando a importância da conservação e difusão do acervo custodiado pela Fundação Zerrenner.

Referências

- ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. "O futebol na construção da identidade nacional: uma análise sobre os jogos 'pretos x brancos'", *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 26 (jan./mar. 2012), pp.47-61.
- ANDREWS, Georg Reid. *Negros e Brancos em São Paulo (1888-1988)* (tradução: Magda Lopes; revisão técnica e apresentação: Maria Lígia Coelho Prado). Bauru/ São Paulo: EDESC, 1988.
- ANTUNES, Fatima Martin Rodrigues Ferreira. *Futebol de fábrica em São Paulo*. Dissertação de mestrado em Sociologia, Universidade de São Paulo, 1992. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/biblioteca/futebol-de-fabrica-em-sao-paulo/> Acesso em 27 de dezembro de 2022.
- BARROS, José D'Assunção. *História Serial e História Quantitativa*. Disponível em: <https://campodahistoria.blogspot.com/2011/01/historia-serial-e-historia-quantitativa.html>. Acesso em 15 de novembro de 2023.
- BENTO, Cida. *O pacto da branquitude*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- BERNARDO, Teresinha. *Memória em branco e negro: olhares sobre São Paulo*. São Paulo: EDUC/ Editora UNESP, 2007.
- CALDAS, Waldenyr. *O Pontapé Inicial: memória do futebol brasileiro (1894-1933)*. São Paulo: IBRASA, 1990.
- CERTEAU, Michel de. *A Escrita da história* (tradução de Maria de Lourdes Menezes; revisão técnica de Arno Vogel). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- CIAVATTA, Maria. "O mundo do trabalho em imagens: memória, história e fotografia", *Revista Psicologia: Organizações e Trabalho*, 12 (jan.-abr. 2012), pp. 33-46.
- CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.
- CHALHOUB, Sidney. *Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na corte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo De. *Indústria, trabalho e cotidiano: Brasil 1889 a 1930*. São Paulo: Atual, 1991.
- DOMINGUES, Petrônio. "O 'campeão do Centenário': raça e nação no futebol paulista", *História Unisinos*, 19 (set.-dez. 2015).
- FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classe*. 3a ed. São Paulo: Ática, 1978.

- FERREIRA, Fernando da Costa. "Futebol de classe: a importância dos times de fábrica nos primeiros anos do século XX", *Lecturas: Educación Física y Deportes*, 90 (nov. 2005).
- GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. *Classes, Raças e Democracias*. São Paulo: Fundação de Apoio a Universidade de São Paulo/ Ed. 34, 2002.
- História do Futebol: A enciclopédia do futebol na internet*. Disponível em: <https://historiadofutebol.com/blog/?p=83192>. Acesso em 27 de dezembro de 2022.
- KOSSOY, Boris. *Fotografia & História*. 4a ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.
- LOPES, Aristeu Elisandro Machado. "Os trabalhadores negros em 3x4: fotografia, história do trabalho e pós-abolição. Pelotas-RS, 1933 – 1944", *Mundos do Trabalho*, 11 (2019), pp. 1-24.
- MATOS, Maria Izilda Santos de. *Cotidiano e Cultura: história, cidade e trabalho*. São Paulo: EDUSC, 2002.
- MELO, Hildete Pereira de; MARQUES, Teresa Cristina de Novaes. "Iguais para o pão e para a pancada? Brancos e negros no mercado de trabalho carioca na Primeira República. O caso da Cervejaria Brahma". In: *IV Congresso Brasileiro de História Econômica e 5ª Conferência internacional de História de Empresas*, São Paulo (FEA-USP), 2001. Disponível em: http://www.abphe.org.br/arquivos/hildete-pereira-de-melo-teresa-cristina-de-novaes-marques_1.pdf. Acesso em 10 de março de 2022.
- ROCHA, Fábio Dantas. *Saindo das sombras: classe e raça na São Paulo pós-abolição (1887-1930)*. Dissertação de mestrado em História, Universidade Federal de São Paulo, 2018.
- SEVERINO, Carlos Molinari Rodrigues. *Mestres estrangeiros; operariado nacional: resistências e derrotas no cotidiano da maior fábrica têxtil do rio de janeiro (1890 - 1920)*. Dissertação de mestrado em História, Universidade de Brasília, 2015.
- SILVA, Cleber Soares da. *O olhar de Assis Horta: tradição e dignidade em retratos de operários*. Dissertação de mestrado em Artes, Cultura e Linguagens, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2017.
- SILVA, Roberta Pereira da; MENDES, Bárbara Gonçalves; DANTAS, Marina de Mattos. "Racismo: a quem interessa pensar que foi diferente no futebol?" *Ludopédio*, 137 (2020).
- YEO, Geoffrey. "Debates em torno da descrição", in: EASTWOOD, Terry; MACNEIL, Heather (ed.), *Correntes Atuais do Pensamento Arquivístico* (tradução Anderson Bastos Martins; revisão técnica Heloísa Liberalli). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016, pp. 136-169.

Recebido em: 23/08/2023.

Aceito em: 15/11/2023.